



Resende

A PROSA & A PROSA DE
OTTO LARA RESENDE

Otto em Paris, 1968.
Foto de Alcécio de Andrade

A PROSA & A PROSA DE

OTTO LARA RESENDE

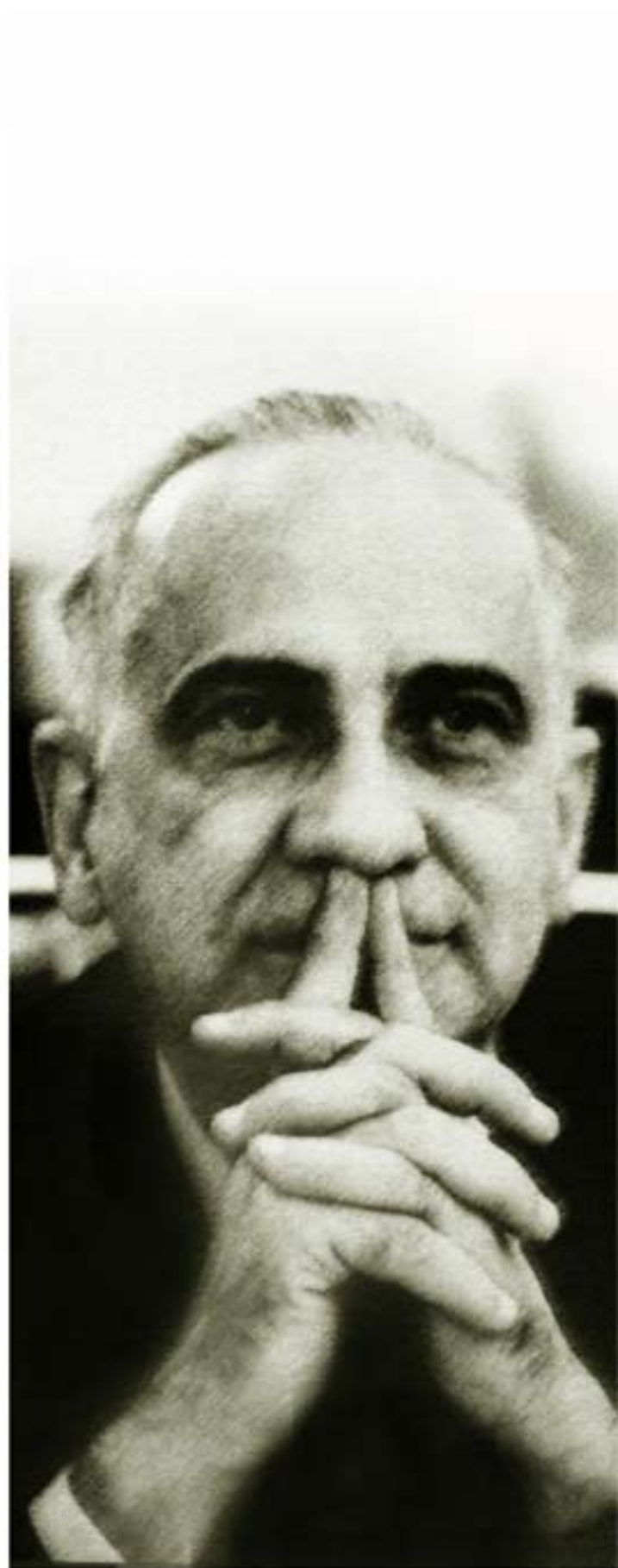
Quando morreu, em 28 de dezembro de 1992, aos 70 anos de idade, o escritor e jornalista mineiro Otto Lara Resende deixou obra pouco extensa: quatro livros de contos e um romance, interminavelmente reescritos com obsessão de perfeccionista. Pouco extensa e pouco conhecida, pois Otto sempre resistiu aos apelos para relançá-la. Ele sofria de "bibliofobia", no dizer de Hélio Pellegrino - amigo com quem compôs, ao lado de Fernando Sabino e de Paulo Mendes Campos, o legendário grupo que o próprio Otto chamou de "os quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse", inseparáveis desde a adolescência belo-horizontina à maturidade no Rio de Janeiro. Só após a morte do autor a sua prosa voltaria a circular amplamente, trazendo na esteira escritos jornalísticos até então inéditos em livro.

Mas não foi só a relutância em publicar. Também a mitologia em torno desse grupo, exatamente, e do papel luminoso que Otto nele desempenhava, com sua inteligência coruscante e seus ditos espirituosos, fez com que ficasse num segundo plano a sua refinada produção como ficcionista. Para isso pesou muito, ainda, a adoração que tinha Nelson Rodrigues pelo escritor mineiro, a ponto de haver agregado o nome de Otto Lara Resende ao título de uma de suas peças mais conhecidas, *Bonitinha, mas onívoras*. Indo além, Nelson fez do amigo personagem contumaz de suas crônicas, e se pôs a divulgar, entre muitas outras, frases que o escritor mineiro jamais assumiu como suas, a começar pela mais famosa: "O mineiro só é solidário no câncer". É certo, de toda forma, que Otto foi um frasista afiado como nenhum outro de seu tempo, e não por acaso o hiperbólico Nelson propôs um dia que alguém saísse recolhendo seus achados verbais e os pusesse à venda numa "Loja de Frases".

O brilho solar de Otto - artifício do mais delicioso bate-papo do Brasil, segundo muitos dos que com ele conviveram -, não raro espelhado no que escrevia como jornalista, acabou por ofuscar uma ficção cujas raízes, contraditoriamente, estão fincadas em terreno oposto, o terreno algo sombrio, se não soturno, de certas Minas Gerais interioranas dos anos 1920 e 30, com seu moralismo espesso e opressivo, nas quais Otto nasceu e se criou.

Sem pretender apagar um grão do brilho que fez desse notável conversador uma lenda, o que se quer com esta mostra é recompor, aos olhos do leitor, a unidade de um talento fulgurante, fazendo assim justiça a um dos melhores escritores que Minas produziu no século XX.

Humberto Werneck



OTTO POR OTTO

"Nasci em São João del Rei, Minas Gerais, (...) no ano denso e hoje histórico de 1922. Meu signo é Touro. Primeiro de maio – não por ser Dia do Trabalho, mas por ser feriado, 1922: ano da fundação do Partido Comunista, da Semana de Arte Moderna, da fundação do Centro Dom Vital etc. etc. Ano de sonhar com o Brasil de nossos sonhos. (...) Tanta coisa mudou de lá pra cá que a impressão que eu tenho hoje, a distância, é que venho do fundo da Idade Média. (...)

Não me lembro que menino eu fui. Tantos anos depois, olho o começo do meu destino e me assusto, me assusto sobretudo pelo que continuo hoje, igual a mim antigamente. (...) Verifico hoje que como escritor vivi em grande parte voltado para o princípio da vida, e quem sabe, disfarçado pela ficção, pela minha própria infância. (...) Suspeito que o menino saído da minha pena e da minha imaginação é uma figura muito minha conhecida, ainda que triste, deprimida e mórbida. Qué que eu tenho a ver com esse menino de tinta e papel, sempre doente, tão doente dele mesmo! Para mim é um mistério. (...)

Eu sou hoje um homem em paz com a vida. A vida me deu muito mais do que eu pedi. Aprendi desde muito cedo que ninguém é feliz, e só por isso é que eu acho que é preciso lutar dia a dia, é preciso lutar incessantemente pela felicidade que desce até nosso alcance várias vezes, nesses momentos plenos que nos pedem para não morrer. Eu sou um menino antigo, desculpem, como Carlos Drummond de Andrade. Sou um sanjoanense de beta funda e mineiro de mina exausta. (...) Sou para sempre o menino que fui.

Paulo Mendes Campos, com quem convivi em São João del Rei, Fernando Sabino, que conheci, escoteiro, em Belo Horizonte, Hélio Pellegrino, que encontrei para encontrar-me, nós somos quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse que há tantos anos temos vivido. (...)

Sou jornalista há mais de quarenta anos, escritor que foge de sua convocação, e hoje me pergunto: quem sou eu? (...) Creio no homem, creio na Justiça, creio na liberdade, e desejo que a vida dos meus filhos e de todos que vierem depois de mim seja melhor que a minha. Desejo firmemente a utopia, creio na utopia. Afinal, o Brasil não precisa ser permanentemente infeliz. Precisamos depressa, precisamos urgentemente ter orgulho do Brasil. Aném.

Depoimento gravado em 1980 para o disco Os 4 mineiros, de 1981

OTTO PARA LER E OUVIR

Em livro:

- O lado humano (contos, 1952, esgotado)
 Boca do inferno (contos, 1957, reeditado em 1998 como *A boca do inferno*)
 O retrato na gaveta (contos, 1962, esgotado)
 O braço direito (romance, 1964; versão reescrita, 1993)
 A cilada (conto, 1965, no livro coletivo *Os sete pecados capitais*)
 As pompas do mundo (contos, 1975, esgotado)
 O elo partido e outras histórias (1991)
 Bom dia para nascer (crônicas, 1993)
 O príncipe e o sábio e outros perfis (1994)
 A testemunha silenciosa (novelas, 1995)
 Três Ottos por Otto Lara Resende (inéditos, 2002)

Em tradução:

- The inspector of orphans* (*O braço direito*) – Trad. de Anne Cravinhos. Londres, Andre Deutsch, 1968.

Em disco:

- LP duplo *Os 4 mineiros*, com Fernando Sabino, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos. Som Livre, 1981 (esgotado).

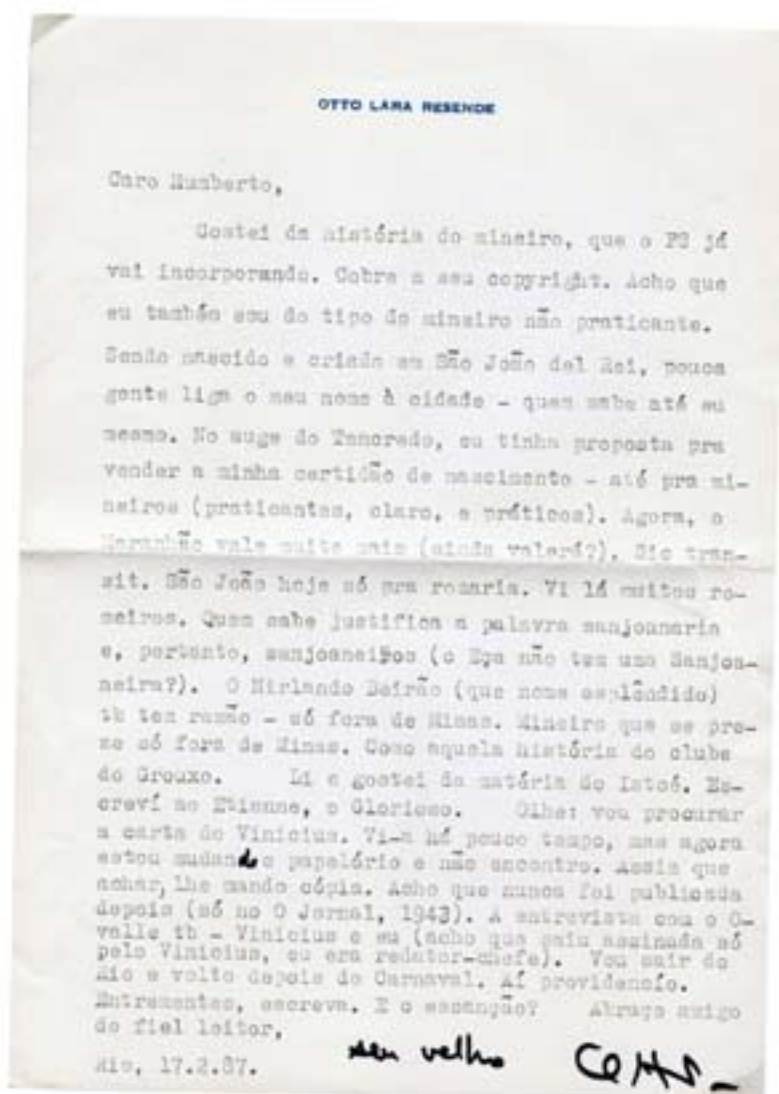


TESOURO AINDA INÉDITO: AS SUAS CARTAS

A obra de Otto Lara Resende só terá vindo integralmente à luz quando se publicarem - o que por certo demandará dezenas de volumes - as milhares de cartas que ele escreveu, com aplicação epistolar bem rara entre seus compatriotas. Entre seus privilegiados correspondentes, há quem veja nelas um valor literário e documental só comparável ao das cartas de Mário de Andrade. São, além disso, uma leitura deliciosa.

"Eu respondo até bilhete", escreveu Otto. "Considero-me um dos últimos brasileiros que respondem cartas. Porque o Brasil, que começou com Pero Vaz de Caminha, sob o signo da carta, parece ter cansado muito cedo das atividades epistolares." Em outra ocasião: "Neste país de tantas e tão tolas condecorações, prego a única ordem civilizadora, que seria a de Pero Vaz de Caminha, para distinguir os brasileiros que escrevem cartas; e sobretudo os que respondem."

Não foi por outra razão que em 5 de julho de 1994 a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos emitiu um selo em homenagem a Otto Lara Resende. Com a efígie do escritor desenhada pelo artista plástico Fernando Lopes, dele foram impressas 1 000 200 unidades, que circularam até 31 de dezembro de 1995.





Oito meses de idade em 1922.



Família de Otto Oliveira, filho de Catarina, com Otto, Maria de Lourdes, Helião, Helião, Catarina, Zuleika, Luiza, Maria de Lourdes, de Lourdes, Helião, Maria de Lourdes, Maria de Lourdes, Maria de Lourdes.



De 1922 para 1923, com 11 meses.

CRONOLOGIA

1922

Nasce Otto Oliveira de Lara Resende às 0h12 da manhã de 1º de maio, à rua do Marechal Theobaldo Sacramento, nº 9, em São João del-Rei (MG), quarto dos vinte filhos de Maria Julieta de Oliveira Resende e do professor Antônio de Lara Resende.

1929

Matricula-se no Instituto Padre Machado, de São João del-Rei, fundado e dirigido por seu pai, onde passará os seus anos como aluno interno.

1933

Conhece, num encontro de escoteiros em Belo Horizonte, Fernando Sabino, de quem será amigo até o final da vida. Conclui o curso primário.

1934-36

Escreve textos, inclusive poesia - chega a fazer cerca de trinta sermões durante umas férias. Ao deixar o colégio, tinha terminado um livro de contos, *O monarca*, que ilustrará mais tarde.

1935, 1936

Conhece, aluno do Colégio Santo Antônio, de São João del-Rei, seu genitor da sua idade que também jogou basquete e escreveu sermões: Paulo Mendes Campos.

1938

24 de setembro vem o sermão "Sem título" e assinado com o pseudônimo "Oblívio", Otto faz, aos 16 anos, a sua estreia tipográfica, nas páginas de *A abelha*, "órgão dos alunos do Instituto Padre Machado". O assunto são os planos para a festa de formatura. Otto será o orador da turma.

Determina mudança para Belo Horizonte, onde seu pai alista um outro colégio, também chamado Instituto Padre Machado.

No dia seguinte à mudança, Otto vai conhecer a redação do jornal católico *O Diário*, do qual o professor Antônio de Lara Resende era diretor - e encontra uma profunda "Entre no jornalismo", contará, "exatamente como um cachorro entra na igreja: põe-se sobre a porta aberta."

Na redação, faz amizade com o jornalista e escritor João Esteves Filho, cuja biblioteca põe a frequentar. Ali, encontra Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, e conhece Helião Pellegrino. Forma-se o grupo que Otto chamará de "os quatro cavaleiros de um instante apocalíptico" e de "os achalocados definitivos".

A quatro milhas com Paulo, publica em *O Diário* artigos assinados por "Otto Mendes" ou "Paulo Lara".

1939

9 de janeiro, funcionário da Secretaria de Finanças de Minas Gerais, aos 16 anos, Não chega a sublevar o primeiro pagamento, contendo da clara, deixa cair para baixo o envelope com seus 450 mil réis.

1939-40

Faz o curso preparatório. Por que advogado? Lendo as notas biográficas numa antologia de literatura brasileira, Otto se dá conta de que quase todos aqueles escritores se formaram em direito.

1940

1º de dezembro - publica, na coluna "Tapete mágico", de *O Diário*, o seu primeiro artigo assinado, "As panelinhas literárias".

Começa a mandar artigos, contos e críticas para publicações do Rio e de São Paulo. "Em era uma verdadeira máquina de produzir textos", dirá, "um raparinho com fantasia intelectual".

1941

Entra na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, hoje Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ao lado dos amigos Fernando, Paulo e Helião, Otto vive intensa boemia nas madrugadas da pequena Belo Horizonte de então. As entrepadas do quarto não inspiram, em 1936, a primeira parte de *O escoteiro maldito*, de Fernando Sabino. Nesse momento, alguns meses antes todos, protagoniza eld do torturado personagem Hugo por nome em *Otto Lara Resende*.

25 de março, professor do Instituto Padre Machado, onde por cinco anos dará aulas de português, francês e história.

1942

Conhece, em Belo Horizonte, Virgínia de Moraes, de quem será amigo para sempre.

1943

1º de julho, relator da Folha de Minas.

c. 1944

Escreve uma série de contos "sombrios" - *A sua, O avô, O pai* - que pretende reunir num livro que se chamaria *Fênix*. As histórias aparecerão na imprensa do Rio e de São Paulo, mas o livro nunca será publicado.

شكرا لك

A PROSA & A PROSA DE

OTTO LARA RESENDE



Otto Lara Resende



Otto Lara Resende e outros em Minas



Otto Lara Resende e outro

1944

Mais durante uma Semana de Arte Moderna promovida em Belo Horizonte pelo prefeito Juscelino Kubitschek, Otto bate boca com Oswald de Andrade, que ridicularizara o escritor católico francês Georges Bernanos, então isolado em Minas, e acusara Otto Maria Carranova de ter sido secretário de um eschafotelet neciista. Assalto da debate, Oswald, sorridente, põe a mão nos ombros do jovem Otto e sugere: "Vamos sair por aí repetindo o genocídio!" Termina-se ali.

Setembro: primeiro encontro com Mário de Andrade, que visita Minas Gerais.

1945

Janeiro: durante o I Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo, Otto fica conhecendo, entre outros, Moacir Libano e Jorge Amado, e tem seu último encontro com Mário de Andrade, que morrerá menos de um mês depois.

1º de março a 2 de dezembro: trabalha no jornal diário *Liberdade*, que será claudesinado até a queda da ditadura do Estado Novo, em 29 de outubro.

Muda-se para o Rio — só volta para colar grama, em dezembro. "Que me leve a sair de Minas?", brincará numa carta de 1991. "Nunca tinha pensado nisso. Acho que foi o avião da Panair... A passagem custava 220 cruzeiros."

1946

4 de maio: repêtor político do *Diário de Notícias*, entrevista o ex-ditador Getúlio Vargas, agora senador recém-eleito, e o trata, em seus 24 anos, com "uma postura de juvenil petulância".

1947

Mais vai a Bocaina (MG) para cobrir um eclipse do sol. Na volta para o Rio, o avião militar americano em que viaja sofre um acidente, na tentativa de desviar-se de outro aparelho. Otto bate com a cabeça no teto. "Disseram que sofri perda de substância. De fato quebrei a cabeça, mas nunca soube que substância é essa. Sinto, porém, que me foi muita falta."

31 de dezembro: começa a namorar Helena Uchoa Pinheiro, filha de dona Coracy Uchoa Pinheiro e do engenheiro e político Israel Pinheiro, futuro governador de Minas (1966-1971).

1948

26 de agosto: no aniversário de Helena, pede sua mão em casamento.

1949

Funcionário da Prefeitura do antigo Distrito Federal.

É um dos fundadores do *Jornal de Letras*, no qual por algum tempo aminha, com o pseudônimo Joaquim Leonel (nome de um tio-avô que era médico), a coluna *Correio Literário*, "uma espécie de consultório literário".

Divide apartamento, em Copacabana, com o contista Murilo Rubião.

1950

14 de abril: casa-se com Helena Uchoa Pinheiro, que lhe dará quatro filhos.

1951

24 de abril: nasce o filho André.

Jurda é um dos "redatores principais" de *Última Hora*, o jornal que Samuel Wainer lança no Rio no dia 12.

1952

Estreia em livro com os nove contos de *O lado humano*.

Incentivado por João Cabral de Melo Neto e Hélio Pellegrino, começa a escrever os contos que, cinco anos mais tarde, irão constituir *Boca do inferno*.

20 de novembro: nasce o filho Bruno.

1953

Colabora na revista semanal *Marchete*, da qual será diretor.

Diretor de *Flores*, publicação semanal de vida breve lançada por *Última Hora*. Entre os colaboradores, Nelson Rodrigues, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, Hélio Pellegrino e Dorival Caymmal.

1955

12 de novembro: no dia seguinte ao "acertalpe preventivo" desfilhado pelo ministro da Guerra, general Henrique Lott, para garantir a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek, Otto faz para *Marchete* uma entrevista — "O depoimento de Lott" — que ficará sendo um clássico da imprensa brasileira.

1 de dezembro: nasce a filha Cristiana.



Otto Lara Resende com a família em casa.



Otto Lara Resende com outro homem.

1956

13 de dezembro: demissão de Machado.

1957

 Janeiro: sai *Boia de Inês*, com sete contos cujo tema é uma influência nada inocente na criança. "O livro causou certo escândalo. (...) Desabou sobre mim uma saracota de incompreensões, quase insultos."

Move-se para Brasília, onde será adido cultural durante três anos - "os melhores de minha vida", dirá.

 Liberto pela primeira vez do jornalismo, começa a escrever o romance *O buço doivo*. Nessa temporada feliz, escreverá outro romance, do qual aproveitará uma parte, convertida na novela *O zumbido azul*, mais tarde reescrita e rebatizada *A metamorfose silenciosa*.

1959

8 de agosto: embarca de volta ao Brasil, chegando ao Rio no dia 25.

1961

11 de janeiro é nomeado, por Jânio Quadros, coordenador da Assessoria Técnica da Presidência da República. Não chega a se instalar em Brasília.

1962

 Publica *O ritmo na guerra*, que reúne nove contos e a novela *O zumbido azul*.

 28 de novembro: estreia, no Rio, o peça *Otto Lara Resende na Brasileira*, mais conhecida, de Nelson Rodrigues.

1963

 Sai *O buço doivo*. "Sendo o único romance que publiquei", dirá, "pode ser visto como o melhor e igualmente como o pior romance da minha autoria..."

1964

 Seu conto *A cidade*, cujo tema é a viagem, é incluído no livro *Os sete pecados capitais*, de diversos autores, entre eles Guimarães Rosa.

1965

26 de abril: é um dos fundadores da TV Globo, no Rio de Janeiro.

1967

 Entra na TV Globo o programa diário *O pequeno mundo de Otto Lara Resende*, em que, durante 60 segundos, comenta acontecimentos do dia.

Setembro: "De novo adido e mal pago." Agora, na Embaixada do Brasil em Lisboa.

1968

24 de julho: o nascimento da filha pequena Helena Cristina lhe permite ser "pai de neto e avô de filha sem o inconveniente da mediação de um genro".

O buço doivo sai em Londres como *The inspector of ophans*.

1970

Março: de volta ao Rio de Janeiro.

1971

Professor adjunto no Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio.

1974

Diretor-adjunto da TV Globo. À margem de suas funções, faz entrevistas - três delas, inusitadas, com Nelson Rodrigues, Virgínia de Moraes e Pedro Nave.

1975

 Sai *A pequena do mundo*, reunião de sete contos.

1976

 27 de janeiro: inicia colaboração semanal em *O Globo*.

1979

3 de julho: eleito para a cadeira nº 39 da Academia Brasileira de Letras.

1980

9 de julho: perde o artigo Virgínia de Moraes.

1981

 Sai o LP duplo *Os 4 séculos*, em que Otto, Fernando Sabino, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos leem textos autobiográficos e amostras de sua produção literária.



SOBRE OTTO E SUA OBRA

"Menino, você nem precisa se esforçar. Com esse nome você vai longe." (Mansel Bandeira)

"Ele era capaz de analisar a realidade com penetração e interpretá-la com fantasia, porque além de extraordinário jornalista foi raro escritor. Seu romance, *O baço direito*, é um dos melhores da nossa literatura contemporânea." (Anastasia Cavalioli)

"Revezavam-se nele o escritor e o jornalista, temperados por uma insaciável sede de informação que o fazia leitor de livros, jornais e revistas, nacionais e estrangeiros. Era um homem em dia com o mundo." (Wilson Figueiredo)

"Acho Otto um dos melhores contistas do Brasil, embora não goste muito de ler seus contos, porque são tristes." (Rubem Braga)

"Sua verdade está na sua ficção." (Afonso Arinos de Melo Franco)

"Otto vive às voltas com um complexo de Jonas: pula do barco, tenta nadar para longe - mas acaba inevitavelmente engolido pela baleia da literatura." (Hélio Pellegrini)

"O jornalismo foi sua profissão e de certo modo seu destino. Sua paixão foi a literatura, em cuja intimidade passou toda a vida, principalmente os anos dolorosos e imprecisos da adolescência." (Carlos Castello Branco)

"O maior talento verbal do país." (Neilson Rodrigues)

"Como Oscar Wilde, Otto tem fama de ser mais espirituoso falando do que escrevendo. (...) Quando Milton Nascimento comprou uma casa em Minas e vários mineiros do Rio foram fazer o chamado 'housewarming', a imprensa mineira, reanimada com a presença daquelas celebridades exiladas, perguntou a Otto se ele voltaria a viver em Minas. Otto: 'Não mereço'. Oscar Wilde não diria melhor." (Ailton Tavares)

"É o genial frasiista de São João del Rei." (Stanislaw Ponte Preta)

"Foi quem melhor soube conversar no país e no seu tempo. (...) Ninguém na sua geração teve o dom da palavra e da convivência tanto quanto ele. No entanto, Otto era uma natureza esquiwa e amissa. Pretendia preservar sua privacidade. Faltava aos encontros, fugia ao telefone, escapava como podia. Mas, pego, se rompia todo. Ninguém mais envolvido sem envolvente, mais compreensivo, e solidário." (Carlos Castello Branco)

"O Otto é feito passarinho: de quem pega primeiros." (Rubem Braga)

"Não conheci ninguém mais brilhante em toda a minha vida. Ele aplacava a minha ignorância diariamente." (Arnaldo Nogueira)

"Ele era o rei da boa intriga, era o sujeito que desarmava bombas-relógio, e no Globo tinha uma a cada miroto." (Walter Clark, chefe de OLR na TV Globo)

"Que é um grande amoroso, disso não haja dúvida. E daí o segredo da imitação que exerce sobre seus amigos, que acabam todos escravizados à sua escravidão. Eu dificilmente posso passar mais de dois dias sem lhe telefonar. Quando estou no estrangeiro, é das ausências que mais me pesam." (Vicente de Moraes)

"Seus padrões costumavam se apunhalar por ele. Adolfo Bloch chegou a lhe propor terem um mesmo manselê. Quería repousar ao lado de Otto, para continuara ouvindo. Todos se divertiam com ele, o admiravam e desejariam tê-lo para sempre." (Carlos Castello Branco)

"Se alguma palavra existiu no projeto literário de Otto Lara Resende, foi a de cavar até o fundo o veio de um escrito. (...) Elaborando e reelaborando seus textos por anos a fio, até a última frase, palavra ou vírgula, Otto se inscreve na família de Murilo Rubião e Dalton Trevisan, sem chegar ao laconismo deste último, contista maior - e menor - que todos." (Sergio Sant'Anna)

"Escrevia sempre com limpidez e correção, sem ser uma cultura da gramática. Esse apego de estilo correspondia a uma formação moral e religiosa que sua aceitação do inequívoco nos costumes modernos não distinguiu em hipocrisias. Era aberto ao novo, mas guardava no íntimo um pudor antigo: a obsessão do enorme lhe repugnava." (Márcio Wernick de Castro)

"Otto Lara Resende dispensa aquele período de teste que separa a morte do escritor e o seu reencontro com o público: aos 70 anos, o cronista encanta os jovens com sua leve sabedoria e os mais velhos com um toque de juventude." (Wilson Figueiredo)

GATO GATO GATO

"Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da presença do menino. Ondulou de mansinho alguns passos denunciados apenas na branda alavanca das ancas. Passos irrealis, em cima do muro erigido de cacos de vidro. E o menino songamonga, quietinho, conspirando no quintal, acomodado com o silêncio de todas as coisas.

No se olharem, o menino suspendeu a respiração, ameaçando de asfixia tudo que em torno dele com ele respirava, num sô sistema pulmonar. O translúcido manto de calma sobre o claustro dos quintais. O coração do menino batendo baixinho. O gato olhando o menino vegetalmente nascendo do chão, como árvore desarmada e inofensiva. A insciência, a inocência dos vegetais.

O ar de enfado, de sabe-tudo do gato: a linha da boca imperceptível, os bigodes pontudos, tensos por hábito. As orelhas acústicas. O rabo desmanchado, mas alerta como um leme. O pequeno focinho úmido embutido na cara sêria e grave. A tona dos olhos reverberando como lagunhos ao sol. Nenhum movimento na estátua viva de um gato. Garras e presas remotas, antigas.

Menino e gato ronronando em harmonia com a pudica intimidade do quintal. Muro, menino, cacos de vidro, gato, árvores, sol e céu azul: o milagre da comunicação perfeita. A comunhão dentro de um mesmo barco. O que existe aqui, agora, lado a lado, navegando. A confidência essencial prestes a exalar, e sempre adiada. E nunca. O gato, o menino, as coisas: a vida túmida e solidária. O teimoso segredo sem fala possível. Do muro ao menino, da pedra ao gato: como a árvore e a sombra da árvore."

De "Gato gato gato", em *O elo perdido & outras histórias*





A PROSA & A PROSA DE

OTTO LARA RESENDE



[BRINQUEDO SEDUTOR]

"(...) – Quer tentar? – Edu me ofereceu e foi andando, como quem não quer nada. No largo, não havia ninguém. Só um burro. Um burro tão fechado em si mesmo que nem dava pela presença dos dois meninos. O burro pastava. Toda hora é hora de pastar. Pastava os tufos de capim por entre as pedras. Depois das pedras, na grande extensão do largo, a terra batida era uma poeira fininha como um pó-de-arroz.

– Você gosta de soltar papagaio? – Edu, desengonçado, sabia indagar o que, me distraíndo, também me atraía. Escamoteando o espelinho, enfiado no bobo, aguçava minha cobiça. Regateava com o meu preço. Me prometeu um papagaio que não pedi – e sorriu um sorriso branco, de cara parada. Eu queria o espelinho, o quebra-cabeça, o tira-teima. O tira-inocência. Edu se espichou no chão, meio de lado, e exibiu de novo o brinquedo sedutor. Também eu me deitei, de comprido, como um soldado se deita para atirar. Apoiado nos cotovelos, ventre colado no chão. Tão colado e tão deitado que, do outro lado do largo, alguém que olhasse juraria que não havia ninguém no largo – só o burro.

Era difícil enfiar os ratinhos nas ratoeiras. Tomava tempo, a mão tremia. A mão inteira com os seus excessivos cinco dedos. Enfiava um ratinho, enfiava dois, escapava um, escapavam os dois. Edu cheirava a suor e a poeira, quando o vento começou a soprar sobre nossas cabeças. Eu podia treinar em casa, levar o brinquedo comigo – sussurrou. Meu, poderia ser meu. Era só eu querer. O burro veio atravessando o largo e ignorou nossa presença. Fugia de um redemoinho que levantou uma espiral inquieta de poeira. Podia ser meu, o brinquedo, se eu brincasse como Edu queria. O que ele queria.

Eu ainda não sabia que o Diabo se aninha no miolo do redemoinho. (...)"

Da novela "A testemunha silenciosa", no livro homônimo.

[A VIDA NÃO TEM ROTEIRO]

"Neste silêncio sem sino e sem lua, o Asilo é um navio à deriva. Se te eximes de uma cruz, acharás outra, talvez mais pesada. Para onde quer que fores, levas a ti mesmo e sempre achas a ti mesmo. As palavras da *Imitação de Cristo* mais do que nunca se dirigem a mim.

Se a vida de cada um de nós foi tecida acima da nossa vontade, então não há mérito nem demérito. Nem pecado, nem virtude. Sei, com firme certeza, que não tracei meu destino por livre escolha pessoal. Aqui estou, depois de ter escolhido Lagedo. Mas, na verdade, foi Lagedo que me escolheu. Há o dedo de Deus em tudo, e não posso me esquecer da maneira como o padre Bernardino me convocou e confiou em mim. A missão continua a meu cargo. Para onde fugiria eu de mim mesmo? Para onde fugiria o meu coração do meu coração?

Todos dormem no Asilo da Misericórdia. Todos dormem em Lagedo. Sai pela rua agora, como se buscasse a mim mesmo. Aqui e ali, uma lâmpada acesa é um inútil plantão na madrugada vazia. Na certeza de não encontrar ninguém, pensei em ir até o morro da Faisca, espionar o orfanato através das janelas. Súbito, minha atenção foi despertada por um grito. Parecia vir de dentro de mim mesmo."



"A vida não tem roteiro. Tudo permanece fiel a um comando invisível. Há um eixo, uma linha básica. O talvez que entre os vales espera o curso do rio. Mais largo, menos largo, mais fundo, menos fundo. Garganta estreita, pedra, queda. Remanso com sombra, tempestade, cheia, água suja, água limpa. De águas sujas e de águas revoltas se faz um rio.

O caminho precede o rio, na linha do declive serra abaixo. O rio seca e morre, mas não apaga o caminho. Regatos ou torrentes se perdem num só abismo, em que mergulha tudo que cai. O fatal destino da queda. Os anjos caíram. Caiu Adão. Os baixos instintos. As partes baixas são as partes do Diabo.

Lá vou eu entre montanhas, pelo caminho anterior a mim. Passo indiferente pela paisagem insensível à minha passagem. Não escolhi a fonte de que provenho, como não escolhi as escarpas por que desço. Sei que lá vou indo, porque não sei como não ir. Sei dos silêncios e dos sigilos que ligam as pequenas peripécias, peça por peça, à compulsória aventura. Escolhi eu? Nanja que não. Vou recolhendo o que vejo e o que vivo, para conferir no coração."



"Não gostaria de encontrar o adolescente que fui. Sei, todavia, que ele ainda sou eu, tal e qual, porque sei que sou hoje o que venho sendo ao longo dos anos. Estava então no pico da idade ingrata, e me revejo saturado de boas intenções e elevados propósitos.

O que vivo hoje em Lagedo é o futuro daquele tempo. Ao contrário do futuro dos órfãos, o meu era previsível em meu rosto consumido. Em pé no meio-fio do jardim, eu fitava o infinito e tinha o coração em sobressalto. Já estava convencido de que depravado é o coração dos homens. Ontem, como hoje, soavam na minha cabeça as palavras do salmo. Eu sou um verme e não um homem, o opróbrio dos homens e a abjeção da plebe. Todos os que me veem escarnecem de mim. Muitos cães me rodeiam os pensamentos e uma turba de malfeteiros me cerca a alma. Antes de rasgar esse incômodo flagrante do passado, que é presente, examinei o jeito quieto e dispersivo do cavalheiro ao meu lado. Seu olhar é triste. Deve olhar para dentro de si mesmo. E foi isto o que o meu pai não suportou."



"Às vezes acho que escrever me atrapalha a vida. Outras vezes entendo que é o que me segura vivo. Com um fio de tinta anoto o contraste entre o que sou e o que quero ser. Avalio a distância que vai entre o sonho e a realidade. Talvez seja isto que me dê um pouco de coerência e impeça a minha desintegração. Se não alimentasse esse monólogo secreto, eu estaria ainda pior do que estou. Não tendo com quem conversar, aqui dou vazão ao que me passa pela cabeça e até, de raro em raro, cauteloso, pelo coração. (...)

"Já não sei se a esta altura eu conseguiria parar de anotar. Se no princípio tinha a boa intenção de fazer dia a dia um exame de consciência, hoje não me iludo. O vício de escrever me domina e me afasta do mundo."

Do romance *O buço direito*

NAMORADO MORTO

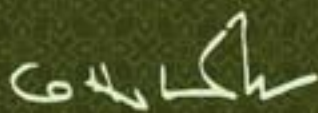
"(...) Era como se não soubesse o que é morrer. E só faltava perguntar quem é esse tal de Mário, que morreu assim sem mais nem menos. Doquinha estava seca por fora e vazia por dentro. Era ela e não era ela. Ausente de si mesma, queria fechar os olhos e não conseguia. Era preciso fazer qualquer coisa. Ensaar um gesto, se levantar, sair. Sair daquele torpor.

Então os soluços vieram vindo do fundo mais fundo do seu peito. Lá onde havia, intocado, um poço de silêncio. O segredo, última fibra do seu coração. Ela própria não sabia, até que chegou o momento de pôr para fora. Contido, sufocado, o uivo ameaçava irromper.

Foi primeiro um fio frágil, mas sinistro. Altos, mais altos, aos borbotões, os soluços agora assustavam. Tão recatada, Doquinha, tão dissimulada, não podia ser Doquinha que estava ali. Era ela, mas era outra pessoa que Doquinha não comandava. E que chorava. Ou gania dentro dela, esse animal ferido. (...)"

De "Namorado morto", em *O elo partido & outras histórias*.





TRÊS PARES DE PATINS

"Berinho puxava Débora, que ia nas pontas dos pés, pesada como quem se recusa. Francisco viu Berinho enlaçar a menina e ambos desapareceram por trás de um mausoléu com um anjo de asas de bronze, a mão parada no ar. Francisco olhou os fundos da igreja – quieta e solene como o morro. Voltou-se depois para os túmulos que se sucediam encosta acima. Hora indecisa, entre a noite e o dia. No silêncio, tudo tinha parado. A cidade e o mundo, esquecidos, não ultrapassavam as fronteiras do cemitério. Francisco queria apoiar-se em alguma coisa, mas não ousou encostar-se no túmulo mais próximo. O Cristo de bronze pregado numa cruz de mármore, os companheiros, a vida, o mundo – tudo era absurdo e longe. O arrulhar dos pombos no beiral da igreja queria dizer-lhe qualquer coisa que ele não entendia."

De "Três pares de patins", em *A Boca do Inferno*

FILHO DE PADRE

"(...) Trindade retirou-se. Padre Couto recostou-se na cadeira de balanço, a xícara nas mãos. Sua tosse ecoou por toda a casa – tossia pela última vez. Trindade foi até o adro e aí contornou a igreja, entrou no cemitério. Chovia agora pesadamente. Trindade desceu a laje molhada sem escorregar, passou pela caverna onde estivera à tarde e continuou até alcançar a Boca do Inferno. O vento fazia gemer o bambual fustigado pela chuva. Ao entrar na gruta escura, tinha a roupa ensopada. No lombo da laje, a chuva estalava com vontade o seu chicote. Agachado lá dentro, Trindade entevia os relâmpagos cortarem a noite, enquanto a trovada desdobrava ecos que as montanhas pouco a pouco ensurdciam. Alguma coisa, coisa viva, tocou-lhe o pé. Talvez um lagarto, assustado pela tempestade.

Nos cantos da Boca do Inferno, como se a quisessem isolar do temporal que rugia lá fora, aranhas fiavam em silêncio a mais frágil cortina que jamais se teceu sobre a terra."

De "Filho de padre", em *A Boca do Inferno*

ZANO

1. Volte, Zano

"Ontem reunimos o conselho familiar. Devemos ainda ter esperança! Firme, disse eu que sim. Não me conformo. Por um momento, vi nos olhos de todos aquela cintilação. Metade fê, metade alívio. Ninguém quer se sentir culpado. Claro que tem de voltar. A menina me perguntou se era palpite ou intuição. Se era intuição pra valer, que eu jurasse. Tenho tradição no ramo. Com a ajuda de santo Antônio, já achei bicho e coisa que até Deus duvida.

Jurar, não juro. Questão de princípio. Mas quero crer que volte. Pode ser wishful thinking. Que seja. De repente, reaparece. Já apareceu duas vezes. Minha filha chamou-o do jeito dela, gritou, modulou a voz com carinho — e eilo em pessoa. Espantadíssimo, coitado. Aproximou-se tímido, desconfiado. E lhe caiu nos braços. Guardou absoluto silêncio, como se temesse qualquer manifestação sonora. Graças a Deus, são e salvo.

Quando cheguei à noite, estava em cima do carro. Como estátua. Ameaçou fugir, os magoados olhos azuis, belíssimos. Depois identificou o amigo e chegou pra perto. O ambiente estranho o intimidava. Mais vinte e quatro ou quarenta e oito horas e se sentiria em casa. Iria na certa desarmar aquela atitude de suspeita. Não quis comer, nem beber. É assim mesmo, disse o especialista que consultamos. Será que some de novo? Expliquei ao conselho familiar o que é etiologia. Citei Konrad Lorenz. A noção do território. Podíamos dormir em paz.

Na manhã seguinte, pânico geral. Não adiantou chamar, nem gritar. O conselho se ampliou e cada qual tinha uma opinião. Uma única inaceitável. Cruelíssima: tinha sido apanhado e comido. Sim, senhor. Estão comendo muito gato neste Rio de Janeiro. Não é gato por lebre, não. Gato mesmo. Até siamês, como o Zano. Tão bonzinho, tão bonito — a hipótese é absurda. Verdadeira blasfêmia. Aos onze anos, não é bobo. Já conhece o novo endereço e volta. Claro que volta.

Foi batizado Zeno, como o personagem de Italo Svevo. Na língua infantil, virou Zano, Zaném, Zaninho. Inteligentíssimo, elegantíssimo, a esta altura não vai sair por esse mundo hostil afora. Virar riponga, essa não. Tem aqui afeto, calor humano. Comidinha e ração. O que quiser. A ansiedade aumenta à medida que passa o tempo. Já é o terceiro dia do sumiço. A rua tem uma cachorrada danada, mas e daí? Ele sabe se defender dos perigos desta vida. O fato é que aqui em casa não se toma conhecimento do novo ministério, nem do Brasil, enquanto o Zano não aparecer." (Folha de S.Paulo, 11/4/1992)

ZANO

2. Fuga do borralho

"Gato e velho não devem mudar de casa, dizia minha mãe. O ideal, aliás, é nascer, viver e morrer na mesma casa. Mudança é quase sempre aflição de espírito. Até porque mudança mesmo, daquele tipo evangélico, que mata o velho e abre espaço ao homem novo, esta pouquíssimos fazem. Mudança de hábito, qualquer uma, é um transtorno. Já contei aqui o que aconteceu com o Zano. Ou Zeno, como foi batizado.

O Zano é um caráter forte, ao contrário do personagem do Italo Svevo, que tinha consciência, mas era um fraco de vontade. Prometia parar de fumar e não parava. Há quem diga que de vez em quando me dá um acesso de autorreferência. Aquela professor até me acusou de não despregar os olhos do meu umbigo. Com franqueza, não me acho assim tão autorreferente. Podia ser muito mais. E se não sou é porque me polio.


No caso do Zano, me impressionou o número de pessoas que se interessaram pelo seu destino. Recebi telegramas, cartas e telefonemas. Só um sujeito mal-humorado é que me perguntou se não tenho vergonha de me preocupar com um gato, quando há tanta criança na miséria. Olhe a lógica, meu amigo. Interesse por um gato não implica descaso pelas crianças. Pelo contrário.

O Zano já apareceu em sonho e duas vezes surgiu em pessoa. Alucinação? Talvez. Quem sustenta que todos os gatos siameses se parecem é porque não conhece o Zano. Sonho e alucinação à parte, ainda temos esperança. A Luciana sabe de um gato que voltou quinze dias depois. Houve um outro que ficou sumido mais de um mês. E reapareceu. Afinal onze anos de Zano são quase uma vida. Pelo menos vida de felino.

Bicho por excelência literário, o gato tem sido o mais fiel companheiro dos escritores. A Colette acabou com cara de gato. O Guimarães Rosa conversava com os seus angorás. O da Clarice Lispector a confortava nos momentos de angústia. Perguntem ao Sérgio Augusto se ele se separa dos seus. Pelo seu Gaspar, a Ana Miranda paga qualquer resgate. Enfim, com o sumiço do Zano, só me resta também sumir. A partir de hoje, tomo sumiço. Bem substituído aqui na Folha, vou ver o Brasil de longe. Mas volto logo. Descanso eu e descansam os leitores. Em todo caso, espero fazer falta. Não tanta quanto o Zano. Mas pensem em mim." (Folha de S. Paulo, 23/4/1992)

Em Bem dia para nascer





A PROSA & A PROSA DE

OTTO LARA RESENDE



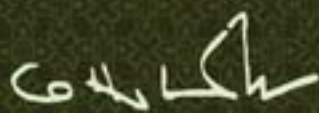
Fernando Sabino, Hélio Delgado, Otto e Paulo Mendes Campos

[MINEIROS FORA DE MINAS]

"(...) Mineiros fora de Minas, que carregamos Minas para lá de suas fronteiras, também nós sabemos que Minas existe e não se acaba; as velhas minas não há mais, o Poeta que me perdoe, mas há outras Minas, iminerais; ali onde fêscou e se esgotou o ouro, algo se fez de mais duradouro que o ouro; da áspera pedra provinciana, Carlos Drummond de Andrade tira o mel universal; e feijão-de-tropeiro junta-se ao Dante, em dois eruditos nomes que, sozinhos, dão notícia de refinada cultura, altíssima civilização - Eduardo Frieiro e Cristiano Machado.

Belo Horizonte já não era a amável cidade dos anos 30, ou até dos anos 40: 'Debaixo de cada árvore faço a minha cama, / em cada ramo dependuro meu paletó'; havia árvores, havia ramos, havia jardins naquele tempo - e a própria avenida Afonso Pena guardava e esbanjava sombras de pomar. A propósito, só os olhos adivinhos de Mário de Andrade podiam em 1924 descobrir, no seu famoso 'Noturno', a 'maravilha de brilhos vidrilhos' na jovem cidade em que 'o silêncio fresco despenca das árvores'; despençava ainda, ao nosso tempo de rapazes. (...)'

De "O voo atropelado", em *O príncipe e o sabiá*



[FERNANDO SABINO]

"(...) Assim como há um anjo das bibliotecas, que indica o livro que a gente está procurando, assim também há um anjo que, entre mil papéis, põe o dedo no papel que interessa. Outro dia dei com os documentos de uma festa de 1941. Depois tudo sumiu de novo. Lá estava o cardápio no jantar na Pampulha. O discurso do Murilo Rubião, chamando o homenageado de Benjamin. Sim, era um garoto de dezessete anos que tinha publicado o seu livro de estreia: *Os grilos não contam mais*. Cento e trinta e três páginas para treze contos. Bonitos números. Título da primeira história: 'Anos verdes'.

Remotos, dramáticos, presentíssimos anos verdes. Edição Pongetti. Foi paga, claro. 'A meus pais' - diz a dedicatória. É até bom eu não ter à mão o papelório grampeado. E as fotos. Assim como não cito esta ou aquela palavra. Nem releio os dois artigos adolescentes que escrevi. Louvei o jovem estreante com um severo distanciamento. Estava fingindo de crítico de verdade. Era um artigo só, que o João Etienne Filho publicou de duas vezes. O Etienne nos botava pra frente com aquele entusiasmo meio irresponsável.

Cinquenta anos! Volvião esse tempão, sou insuspeitíssimo para enaltecer, agora bem de perto, o escritor de 1941. Ninguém o supera em consciência literária. Os mais velhos logo reconheceram o recém-chegado. Teve sempre a amizade e a admiração dos melhores. Merecida. Hoje toco a minha trombeta cinquentenária com o orgulho de continuar a seu lado. Sou testemunha, ontem e hoje. Ninguém foi mais fiel à sua vocação do que Fernando Sabino. E à sua paixão realizada: a literatura."

De 'Um escritor, uma paixão', em *Bom dia para nascer*.

LEMBRETE DO ANJO A FERNANDO SABINO

(Inédito)

"Fernando Sabino, o Demônio é uma árvore frondosa cheia de frutos maduros e doces. O Demônio dá sombra aos caminhantes fatigados, o Demônio, Fernando Sabino, dessedenta os que têm sede e dá de comer a quem tem fome. O Demônio é uma romã fresca e saborosa depois do sol e do cansaço. Deus, Fernando Sabino, é uma galhada seca e magra, onde os homens sangram as mãos para nada. Uma caveira no meio do pó da estrada é Deus, Fernando Sabino, Deus é um osso duro de roer. Deus, Fernando Sabino, é uma fieira de dentes amarelos enfiados como em colar e passada no colo de um esqueleto esquecido de si mesmo. Fernando Sabino, o Demônio é uma macieira, o Demônio é alto, louro, simpático, tem olhos azuis e fuma cigarros americanos. Fernando Sabino, o Demônio toma chá com torradas e tem varandas no flanco esquerdo e no flanco direito. Deus é cáustico e sem alpendre. Deus é uma caveira: PERIGO!

Rio, 24/10/1954

(à mão): Lembrese, Fernando Sabino!"



[ANGELA DINIZ]

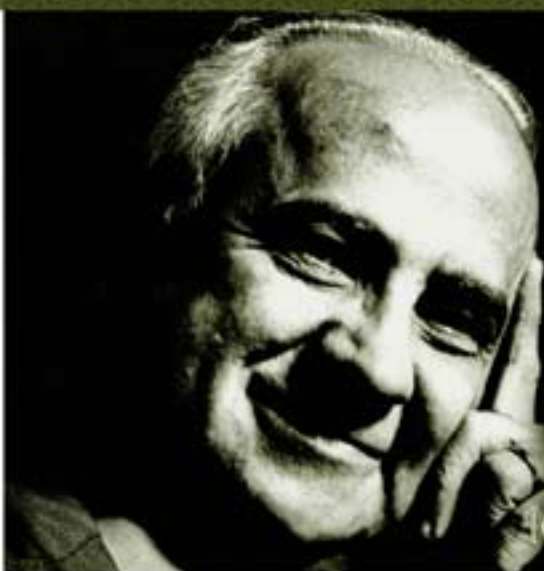
"... alguém comentou que nunca se dera, nem se daria, o atropelamento de um passarinho por um carro. Foi falar e acontecer: minutos depois, um nutrido pássaro-preto flechou de mau jeito o seu voo e se espatifou no para-brisa; apanhado em pleno voo, no ímpeto da distância, morreu fulminado pela violência do choque. Paramos, tentamos em vão recuperá-lo para a vida. Não há Arthur Koestler, com suas *Razões da coincidência* (...), que explique a premonitória morte desse pássaro; e até me emvergonho de o dizer, porque parece mentira: mas logo depois, posto o carro em movimento, a mesma cena repetiu-se; e outro pássaro, uma rolinha, demoliu-se contra o mesmo para-brisa; também morreu.

Há mortes assim, em pleno voo, inexplicáveis.

Angela Diniz trazia de Minas, da infância, os olhos tristes e curiosos da menina a quem desde muito cedo a vida fez uma promessa de felicidade; é possível que ela tenha tentado alcançar o paraíso terrestre pela contramão; nada, porém, justifica a sua prematura ausência para sempre; nada pode explicar que a tenham assassinado. Morreu de bruços, sozinha, na casa em que sonhou ser feliz; morreu de bruços no jardim que ela queria para sempre um porto e um ninho; morreu de bruços, como criança surpreendida no meio da noite por uma dor que não passa, longe da mãe que não vem.

Viveu sob o signo do efêmero; tudo para ela durava pouco; morreu como viveu - depressa, sofregamente. Morreu ao sol, na praia, longe da repressão e da montanha, despida de tudo que a constrangia; voltou a Minas, para ser chorada - e dormir para sempre, agora em paz." (O Globo, 25/1/1977)

De "O 100 atropelado", em *O príncipe e o sabiá*



O CLUBE MAIS ABERTO DO MUNDO]

"Penso na morte o tempo todo. Busco fazer um pacto com ela. Leio tudo que descubro sobre o tema. (...) No livrinho *As pompas do mundo*, já no título há essa nota fúnebre, no sentido de ascese cristã. (...) Em todas as histórias, o personagem morre. Menos um, no 'Elo partido', no qual o cara não morre, mas se abisma na loucura, na falta de identidade, que é uma forma cruel de morrer sem o privilégio do enterro. Estou com uma ponta de vergonha de confessar, mas fui muito a cemitério. Em São João del Rei, onde nasci e me criei, cemitério se debruça na rua, está junto das igrejas. Os mortos ficam espiando os vivos, com o olho irônico do *malicowerel country*. Na Europa, sempre me impressionei com cemitério surgindo de repente, branquinho, nupcial. Sem falar nos famosos, o Père Lachaise, o de Gênova. Conheço ambos. Em Lisboa, domingo, depois da missa na igreja de Santa Isabel, ou na Estrela, fui muitas vezes passear no cemitério que tão significativamente se chama Dos Prazeres. Dias lindos, manhãs luminosas, macias. Eu andava por ali, onde hoje repousa meu amigo Murilo Mendes. Parava diante do túmulo de Fernando Pessoa e em vão o interroguei. Nenhuma resposta. Há lá túmulos que parecem capelas. Os defuntos trancados, frequentemente esquecidos, como inquilinos que nada reivindicam, cobertos de teias de aranha, um silêncio sem metáfora, mortal. Era Portugal de Salazar - um Estado policial eficiente. Os defuntos, bem-comportados, naquela paz de cemitério que só os regimes fortes, de arbítrio, se orgulham de ostentar. Verdadeira ilha de tranquilidade. Até que tudo desaba, como se sabe.

No fundo, não aceito, emocionalmente, o cemitério americano, que mais parece corte de golfe. Hoje, está na moda a cremação. Qualquer mocinha, qualquer cocota, que nunca sequer pensou na morte, pergunte a ela: quer ser cremada, é tão chíc! Ora, você sabe que, assim como há uma arte dos cemitérios, quase sempre execrável, kitch, também há uma sociologia e uma psicologia de cemitério. O culto da morte é velho como o homem. É pela morte, como a tratam, como dela se aproximam, que se estuda e se conhece o mundo dos vivos. Estão aí as múmias que não me deixam mentir. Vi múmias no Metropolitan Museum de Nova York, há poucos meses, de me matar de paixão. Tem até uma grávida. Só não vi múmia que tomasse pílula. Mausoléu, pirâmide, monumento de todo jeito: tudo é de morte, para celebrá-la, para exorcizá-la, para suborná-la. Mas a morte é, de tudo na vida, a única coisa absolutamente insubornável. Só ela é universal, democrática, pessoal, secreta e intransferível. Virá como um ladrão, diz o Evangelho.

Hoje, minha coluna social favorita é a fúnebre. É onde tenho mais conhecidos. E é a única em que entram todos, entram grã-finos e entra a periferia, entra a caravana e entram os cães. A morte é o clube mais aberto do mundo. (...) Como a vida, a morte é um mistério. É o único tema, no duro. O resto é perfumaria. Há o amor. Mas o amor, como o poder, é apenas mais uma tentativa de vencer a morte, de superar o cárcere de nossa incontornável solidão."

De uma entrevista a Leo Gilson Ribeiro, no *Jornal da Tarde* (SP) de 31/1/1976

OTTO LARA RESENDE

A PROSA & A PROSA DE

OTTO LARA RESENDE



A LOJA DE FRASES DE OTTO LARA RESENDE

Nelson Rodrigues achava que era preciso pôr um taquígrafo nos calcanhares de Otto Lara Resende, para recolher as manetilhas que esse penúltimo do verbo ia pingando nos meandros de sua conversa boa, e em seguida colocá-las à venda numa "Loja de Frases". Além da célebre "O mineiro só é solidário no câncer", que Nelson atribuiu a Otto, nas prateleiras dessa loja não poderiam faltar:

Eu sou daquele tipo de chato a quem não se pode perguntar como vai. Porque respondo, explico, entro em pormenores.

Sou versátil, o que é a melhor maneira de nada saber. Sou jornalista, especialista em assuntos gerais. Sei alguns minutos de muitos assuntos. E não sei nada.

Leio muito. Não sou inteiramente uma besta porque sempre tive insônia.

Positivamente, não posso ser apresentado a Satanás: como André Gide, sofro a tentação de entender as razões do adversário.

Sou melhor minerador dos outros do que de mim mesmo.

Há em mim um velho que não sou.

Gostaria de ser um rapaz velho.

Estou atrasado em tudo, menos na idade.

Juventude tem cura. Eu também já fui jovem.

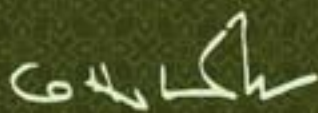
Eu acumulo duas condições que em princípio se excluem: sou careca e grisalho.

Às vezes me sinto como alguém que esqueceu alguma coisa em algum lugar. Não sei que coisa, que lugar.

Sou um falante que ama o silêncio.

Gosto de ser amigo. E nunca tenho vaga, estou sempre superlotado. Sou baratinho, fecho negócio barato, dou pé.

Devemos a Graham Bell o fato de estarmos em qualquer lugar do mundo e alguém poder nos chatear pelo telefone.



A LOJA DE FRASES DE OTTO LARA RESENDE

Como pai, me considero, modestia à parte, uma mãe exemplar.

Todos os pais são corujas, mas alguns têm razão.

Não sou alegre. Sou triste e sofro muito. Dentro de mim há um porão cheio de ratos, baratas, aranhas, morcegos, escuro, melancolia, solidão.

Minas está onde sempre esteve.

Há outras Minas, iminerais.

Devo ser o único mineiro que deixou de ser diretor de banco.

A grande contribuição de Minas Gerais para a cultura universal é a tocaia. A tocaia é uma homenagem à vítima. Morre sem aviso prévio, delicadamente, se possível desconhecendo o autor da cilada.

Eu não mereço. *(Quando lhe perguntasam se voltaria a viver em Minas Gerais)*

O único erro humano que merece a pena capital é o de revisão.

Sou politicamente um político mineiro com uma bomba-relógio escondida no ventre. Quero a paz, quero a ordem, e quero a explosão de tudo.

Corro o risco de ser eleito. *(Explicando por que não aceitava um convite para candidatar-se a deputado)*

Política é a arte de enfiar a mão na merda.

Patrão de esquerda só é bom até o dia do pagamento.

A farda protege o fardão. *(Sobre o fato de as ditaduras militares nunca terem importunado algum membro da Academia Brasileira de Letras, ainda quando se tratasse de notório inimigo do regime.)*

Paísinho duro de roer, o Brasil. Será que melhora quando ficar pronto?

Tem muita gente aí que, se pudesse, deixava de cumprimentar o Brasil.

Eu não tenho o direito de enjoar a bordo do Brasil. Não sou passageiro de primeira viagem.

O Brasil está ficando cada vez menos verde e cada vez mais amarelo.

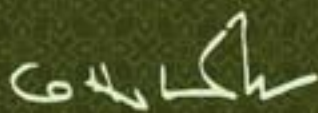
A Velha República começou nas barbas do Deodoro e acabou no cavanhaque do Washington Luís.

Mil vezes um jovem indignado a um velho cínico.

Há pessoas que fazem ginástica para ficar um defunto sem barriga.

Hoje, a minha coluna social favorita é a fúnebre. É onde tenho mais conhecidos.

A morte é, de tudo da vida, a única coisa absolutamente insubornável.



A LOJA DE FRASES DE OTTO LARA RESENDE

O [jornalista] Sandro Moreyra entrou vivo num hospital e saiu morto. Estou sempre me perguntando por que diabo chamam hospital de casa de saúde.

Dando prova de que caminhava para ser sapiens, a primeira coisa que o *Homo erectus* fez foi um banquinho para se sentar.

O analista é uma comadre bem paga.

Eu cliente diante de um grupo de analistas – minha análise de grupo seria assim.

Quem me garante que Jesus Cristo não estaria hoje na estatística da mortalidade infantil?

Eu sou o walterego dele. (Explicando em que consistia seu trabalho na TV Globo, como assessor do diretor-geral Walter Clark)

Um escritor pode também não escrever.

O saudosismo é, como o pigarro, um cacete de velho.

O tempo passa para melhor preservar.

Estou firmemente convencido de que a burrice é privilégio dos homens; só de uns, claro, como todo privilégio. Nunca vi mulher inteiramente burra.

Era uma vez o casamento indissolúvel. Hoje tudo é solúvel, do café aos cálculos renais.

Já se foi o tempo em que ninguém se metia em briga de marido e mulher – nem o marido.

Da discussão nascem os perdigotos.

As virtudes teológicas são três. Já os pecados capitais são sete. Até aritmeticamente o mal ganha do bem.

Duas virtudes, a meu ver, elevam o homem: a bondade e a bravura. O resto é o brejo.

De uns tempos pra cá, o sábado começa na sexta-feira.

Onde está a vida dos que a depositaram na poupança?

Depois dos cinquenta, a vida precisa de um anestésico.

Só há uma forma de ser feliz – é não ser infeliz.



As exposições literárias itinerantes elaboradas pela Superintendência de Bibliotecas Públicas fazem parte do programa de incentivo à leitura da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais junto às bibliotecas públicas municipais. Cada mostra, constituída de banners ou painéis, contém a síntese da obra de um autor ou extratos de um livro muito significativo na história da literatura ou ainda textos relacionados a um tema de interesse dos leitores da biblioteca pública. A eles as exposições são destinadas visando despertar, motivar ou renovar o prazer da leitura literária.

Curadoria: Humberto Werneck

Governador do Estado de Minas Gerais: Aécio Neves

Vice-governador: Antônio Augusto Anastasia

Secretário de Estado de Cultura: Paulo Brant

Secretária-adjunta: Estevão Fiuzzi

Superintendente de Bibliotecas Públicas: Áurea Placeti

Diretora de Ações de Incentivo à Leitura: Fabíola Farias

Diretora da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa: Diná Marques Pereira Araújo

Diretora de Extensão e Ação Regionalizada: Márcia Caldas de Melo

Diretora de Formação e Processamento Técnico do Acervo: Maria da Conceição Araújo Bernardes

Coordenação do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais: Fátima Falei

Coordenação Geral: Fabíola Farias e Ricardo Girardi

Programação Visual: Luciana Lima

Revisão de texto: Dagnar Braga